

OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE A CULTURA - CONSTRUÇÕES MOSAICAS

RESUMO

Neste artigo busca-se apresentar algumas das visões e construções sobre a cultura, através do olhar antropológico, das dinâmicas e cenários metamórficos, do pretérito ao presente, e suas nuances objetivas. Para tal, perpassa-se pelo cunho etimológico da palavra às sucessões entre os espaços e tempos, a contemplar os usos e significados dos conceitos e definições, bem como dos processos de (re)construção da cultura.

Palavras- chave: Antropologia, Cultura.

ANTHROPOLOGICAL VIEW ON CULTURE - MOSAIC CONSTRUCTIONS

ABSTRACT

This article aims to present some of the visions and constructions about culture, through anthropological gaze, metamorphic dynamics and scenarios, from the past to the present, and their objective nuances. For this, the etymological term of the word runs through successions between spaces and times, to contemplate the uses and meanings of concepts and definitions, as well as the processes of (re) construction of culture.

Keywords: Anthropology, Culture.

MIRADA ANTROPOLÓGICA SOBRE LA CULTURA - CONSTRUCCIONES MOSAICAS

RESUMEN

En este artículo se busca presentar algunas de las visiones y construcciones sobre la cultura, a través de la mirada antropológica, de las dinámicas y escenarios metamórficos, del pretérito al presente, y sus desnudas objetivas. Para ello, se traspasa por el cúmulo etimológico de la palabra a las sucesiones entre los espacios y tiempos, a contemplar los usos y significados de los conceptos y definiciones, así como de los procesos de (re)construcción de la cultura.

Palabras clave: Antropología, Cultura.

1. INTRODUÇÃO

Na dialética de construção e reconstruções da cultura, seja nas suas definições e usos, há cenários complexos, convergentes e divergentes, em que se constituíam e se constituem planos e ações diversas, diretas e indiretas, de múltiplas variáveis, por vezes uma polissemia vertiginosa, debatida e rebatida, a fim de construir um arcabouço teórico e prático que contemple a globalidade simbólica metamórfica, do que é cultura.

Algumas dessas percepções aqui são postas e justapostas, a fim de proporcionar uma leitura crítica, a explorar os matizes antropológicos da cultura, em tempo e espaços variantes, em panoramas que permitem elucidar a concepção e modelagem, ou seja, origens e sentidos, de complexas variáveis instigantes e caras à antropologia e outras tantas áreas do conhecimento.

Este olhar sobre a cultura visa apresentar essas visões múltiplas, ou como referida no título deste artigo, o mosaico construído pelas polifonias de (re)construções da cultura, cujos fragmentos foram aqui aproximados a fim de esboçar uma perspectiva longitudinal.

2. ANTROPOLOGIA E A DIALÉTICA DA CULTURA

Desde o surgimento da antropologia, no século XIX, como campo de investigação sistémica, que há duas questões em aberto, sendo elas: como estão arrançados os sistemas culturais e como os elementos culturais se arranjam para construir o que são hoje (KAPLAM e MANNERS, 1975).

Uma vez que os cientistas dizem que o ser humano veio de uma única espécie, *Homo Sapiens*, a antropologia procura explicações para as diferenças e semelhanças, mudanças e transformações da cultura, encontrando nos elementos do tempo e do espaço a base para a estabilidade que mantém uma cultura. Sendo assim, a antropologia busca ainda conhecer quais os elementos de instabilidade que são responsáveis pela transformação, que podem consistir em elementos internos, ou serem externos, ou mesmo ambos (BATALHA, 2005).

A antropologia social e cultural procura compreender quais as relações existentes nos grupos sociais, ou seja, nas relações entre indivíduos e destes com o meio em que habitam ou transitam, como é colocado por Batalha (2005). Envolve o estudo detalhado das diferentes sociedades humanas. Ou, como diz Bates,

o estudo de culturas tomadas individualmente, designado por etnografia, assim como a análise e interpretação dos dados recolhidos de modo a descobrir padrões culturais, designado por etnologia (1999:7). (BATALHA, 2005, p.27).

Tem-se repetido múltiplas vezes que o objeto da antropologia é a cultura, e que por vezes os antropólogos a procuram estudar como realidades que podem ser investigadas de forma objetiva, e que a existência desta somente pode ser explicada pela ação do ser humano para com a natureza, natureza essa onde o ser humano está incluído e tenta dominá-la. (LIMA, 1979)

Os estudos das sociedades através da vertente antropológica têm-se tornado cada vez mais um importante elemento de registro acerca destes grupos sociais, permitindo também a comparação entre grupos e as suas mudanças, como diz Batalha (2005):

A investigação antropológica envolve a comparação entre sociedades, ou culturas, tendo em conta as mudanças culturais e biológicas que nelas ocorrem. Toma como objeto da sua investigação as populações humanas na sua diversidade em diferente locais e épocas. (BATALHA, 2005, p.25).

Os arranjos culturais, ou teias culturais, na escala macro ou micro, são objetos de estudo da antropologia, seja esta no presente ou passado, tidas como modernas ou não, como diz Gonçalves (1992).

A antropologia estuda o homem na sua identidade e alteridade. Não se trata, apenas do estudo de tudo que compõe uma sociedade; trata-se fundamentalmente, do estudo de todas

as sociedades humanas, das culturas humanas nas suas diversidades históricas e geográficas, abrangendo as nossas sociedades industriais e tecnológicas, desde as pequenas comunidades rurais aos grupos marginais e aos grupos urbanos (GONÇALVES, 1992, p. 21).

Nas questões de formações e traços culturais, Lévi-Strauss (2010-2) descreve que há vários traços culturais comuns entre os sistemas culturais, estando estes próximos ou distantes, mas que alguns desenvolvem mais ou menos, consoantes as necessidades e condições necessárias para serem desenvolvidos. Mas esta dinâmica de formação também pode ser entendida e aplicada na “reformulação”, isto é, um processo contínuo no tempo e espaço, diante das necessidades e condições. “Esses traços equilibram-se no seio de um sistema que, num e noutra caso, deve ser viável, sob a pena de ser progressivamente eliminado por outros sistemas, mais apto a propagar-se e a reproduzir-se.” (LÉVI-STRAUSS, 2010-2, p.40).

Outro ponto a destacar tem a ver com a visão da cultura como instituições, ou melhor dizendo, um conjunto de instituições que estão atreladas a um processo de satisfação das necessidades e interesses pertinentes à instituição, como diz Malinowski (2009).

A cultura é um todo indiviso, composto por instituições em parte autónomas e em partes associadas. Integram-na múltiplos princípios tais como a consanguinidade resultante da procriação, a contiguidade no espaço devida à cooperação, a especialização em diversas atividades e, por fim, mas não menos importante, o uso do poder na estrutura política. Cada cultura deve a sua plenitude e auto-suficiência ao facto de satisfazer toda gama de necessidades básicas, instrumentais e interrogativas. Por consequência, sugerir – como se faz ainda há bem pouco tempo – que cada cultura apenas abarca um pequeno seguimento da sua área potencial, constitui um erro grave, pelo menos em certo sentido (MALINOWSKI, 2009, p. 49).

Segundo Williams (2001), a palavra cultura está entre as cinco (indústria, democracia, classe e arte) novas palavras-chave, ou novos usos e empregos, nas últimas décadas do século XVIII, que têm grande relevância e impacto e que trouxeram consigo mudanças na vida e no pensamento. A palavra cultura passa, de uma conotação e emprego, referindo-se apenas ao cuidado com o crescimento natural (cultivar) para uma aplicação e emprego, no sentido de formação humana. De seguida, no século XIX entende-se como um estado geral da mente, que passa a estado geral do desenvolvimento intelectual e parte integrante de uma sociedade. Depois, como corpo geral das artes, chega ao final do século significando todo um modo de vida material, intelectual e espiritual.

Já em Williams (1985), é dito que a palavra cultura é tida como uma das três mais complicadas da língua inglesa, pois, ao longo dos tempos, o seu desenvolvimento histórico a assim fez, cuja aplicação do termo foi empregue em várias disciplinas, bem como sistemas de pensamentos. Desde a sua origem ou raiz do termo em latim, surgiram novos significados, sobreposições, derivações e agregação de significados.

Hall (2003), no seu trabalho *The Work of Representation*, afirma que, entre os conceitos das ciências sociais, o conceito de cultura é o mais difícil de conceptualizar, pois abarca diversos elementos, desde obras eruditas a populares, elemento das massas às elites, desde o simples ato do quotidiano a um pensamento filosófico artístico, tudo isso englobado em diversas áreas, bem como em diversos tempos, ou seja, passado à contemporaneidade.

Segundo Cuche (1999), a criação da palavra cultura, por si só, já exprime um problema, uma vez que não existe uma palavra equivalente para algumas sociedades de língua oral. No entanto, isso não quer dizer que essas sociedades não tenham cultura, pois não é a existência, ou não, de uma palavra que define a existência, ou não, de algo. Quanto ao surgimento de novas palavras e expressões, deve-se procurar entender o seu contexto, qual o seu significado e a necessidade da sua formação, como é o caso da palavra cultura.

Assim, a fim de contemplar essa plenitude de visões e até mesmo o significado que o termo abarca, conceituar o que é a cultura foi, e é, alvo de grandes discussões. Em Lima (1979) é feita uma abordagem geral sobre o termo cultura, desde a sua etimologia até às bases que são hoje utilizadas:

O termo Cultura provém do latim culture = culturação em agricultura. Em francês temos culture, em inglês culture e em alemão kultur. De acordo com Kröeber, o termo teria sido empregado pela primeira vez em 1793 (cf. Paul Hazard, cit. por Kröeber) num dicionário alemão, todavia seu sentido antropológico que hoje possui, com este último significado foi empregado pela primeira vez pelo alemão Gustav Klemm nos seus trabalhos (LIMA, 1979, p. 52).

Outra definição apresentada por Lima (1979) também faz uma referência à compreensão de Kröeber, no seu artigo “O Super Orgânico”, em que diz que “cultura consiste numa massa de reações motoras aprendidas e transmitidas, hábitos, técnicas, ideias e valores e os consequentes comportamentos que tudo isso introduz”. E complementa dizendo que “é o conjunto de tradições sociais.” (LIMA, 1979, p. 54).

Nestes dois fragmentos do artigo de Kröeber, pode-se compreender um pouco mais esta sua visão e interpretação do *Super Orgânico* como o mundo social e cultural, mas esta visão também é alvo de críticas pois, como aponta Lima (1979), o ser humano não é só feito de tradição e está sujeito a ela, também ele pode construí-la e modificá-la, através da interação entre a tradição e o moderno.

Assim, em face destas questões, surge a necessidade de uma definição que abrangesse esse fenómeno e as suas nuances e peculiaridades. Para tal, foi-se construindo e reconstruindo diversos conceitos, a fim de se obter uma abrangência teórica norteadora. Neste ponto Laraia (2013), faz uma síntese deste processo e faz novamente referência à origem germânica do termo cultura, com o sentido que é utilizado hoje, formulado Edward Burnett

Tylor, que publicou dois volumes do trabalho intitulado *Primitive Culture*, no ano de 1871.

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente as realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832- 1917) no vocábulo inglês Culture, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade de hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Com esta definição Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o carácter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos. (LARAIA, 2013, p. 24).

Porém Lima (1979), refere-se a visão funcionalista de Tylor. Lima afirma que “... a cultura inclui técnicas, equipamentos, comportamentos, produtos diversos, normas, ideias, regras, leis, de tudo criado, usado e desenvolvido pelo homem com o objetivo de satisfação de necessidades físicas, psíquicas e sociais.” E prossegue, comentando este ponto de vista estabelecido por Tylor. “Por consequência, a cultura é não só um conjunto de apriorismo que o homem encontra no seu meio ambiente...mas também implica um processo que é dinâmico, na medida em que o indivíduo, agente dinâmico-motor, tem de tudo aprender”. (LIMA, 1979, p.57).

Segundo Laraia (2013), houveram centenas de outros conceitos que vieram após Tylor, mas ao invés de esclarecer, esses conceitos o confundiram mais do que ampliaram. Tendo em conta os problemas que esses novos conceitos criaram, no ano de 1973 Geertz escreveu que seria mais importante para a moderna teoria antropológica, a diminuição da amplitude do conceito

e fazer dele um instrumento mais forte e teoricamente mais especializado.

Como já mencionado, foi Tylor quem formulou o primeiro conceito de cultura, e face às restantes definições sobre cultura, esta definição de Tylor, como aponta Bernardi (2007) é sucinta, pois apresenta os elementos essenciais, que segundo ele são quatro: “...(1) a integridade da cultura como complexo unitário; (2) o seu valor como norma de comportamento; (3) para o indivíduo, (4) como membro da sociedade...” (BERNARDI, 2007, p. 31). Assim, este conceito mantém-se como um clássico de referência.

Assim, ao longo das construções, dos debates, ou por vezes embates, ao longo da história, desde do surgimento, definições e aplicações do termo cultura, Laraia (2013) reafirma, mesmo que, ainda que não esteja cristalizado o termo, a base que se utiliza hoje, isto é, as suas raízes de discursão e fundamentação, são aplicadas nos dias atuais: O conceito de cultura, pelo menos como utilizado atualmente, foi, portanto, definido pela primeira vez por Tylor. Mas o que ele fez foi formalizar uma ideia que vinha crescendo na mente humana. A ideia de cultura, com efeito, estava ganhando consistência talvez mesmo antes de John Locke (1632- 1704) que em 1690, ao escrever *Ensaio acerca do entendimento humano*, procurou demonstrar que a mente humana não é mais do que uma caixa vazia por ocasião do nascimento, dotada apenas da capacidade ilimitada de obter conhecimento, através de um processo que hoje chamamos de endoculturação. Locke refutou fortemente as ideais correntes da época (que ainda se manifestam até hoje) de princípios ou verdades inatas impressos hereditariamente na mente humana, ao mesmo tempo que ensaiou os primeiros passos do relativismo cultural ao afirmar que os homens tem princípios práticos opostos:

Quem investigar cuidadosamente a história da humanidade, examinar cuidadosamente por toda a parte as várias tribos de homens e com indiferença observar suas ações, será capaz de convencer-se de que raramente há princípios de moralidade para serem designados, ou

regra de virtude para ser considerada... que não seja, de alguma parte ou outra, menosprezado e condenado pela moda geral de todas as sociedades de homens, governadas por opiniões práticas e regras de condutas bem contrárias umas às outras (Livro I, cap II,§10) (LARAIA, 2013. p. 25-26).

Uma síntese do pensamento convergente da antropologia moderna, é apresentada por Laraia (2013), que cita o artigo intitulado “*Theories of Culture*” de Roger Keesing, que, na procura de uma reconstrução do conceito de cultura diz:

...Culturas são sistemas (de padrões de comportamentos socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante. (LARAIA, 2013. p. 59)

Em Lima (1979) são utilizadas citações do antropólogo Franz Boas, em que ele formulou dois conceitos de cultura, sendo o primeiro: “A cultura engloba todas as manifestações e hábitos sociais da comunidade, as reações do indivíduo afetadas pelos hábitos do grupo no qual vive e o produto de atividades humanas determinadas pelos hábitos.” (LIMA, 1979, p. 53). Na segunda ele diz que a cultura é: “A totalidade de reações das atividades mentais e físicas que caracterizam um grupo social, coletivamente e individualmente, em relações ao seu meio ambiente, em relação a outros grupos, ao seu próprio grupo e ao próprio indivíduo.” (LIMA, 1979, p.53). Ambas as definições levantam a questão do coletivo, do processo de interação entre indivíduos, isto é, dos grupos, com elementos característicos da cultura.

Contudo, as questões teóricas da cultura são foco de críticas, pois são vistas como elementos teóricos incompletos, pelo fato de envolverem teorias que não abrangem o todo, sendo sugerido que, se não abrangem

o todo, não fazem sentido, pois o que as teorias procuram é generalizar os fatos, o que neste contexto não é possível (HANDLER, 1988).

Entre as várias tentativas de construção de um conceito sobre cultura, há um conflito relacionado com estas tentativas, por parte da antropologia, em conceber um conceito ou definição que englobe este *pull* de diversidades, a fim de abranger, sem marginalizar ou deixar à margem diferentes realidades, sem pecar por um reducionismo ou exclusão (ARIAS, 2002).

Segundo Bernardi (2007):

Os antropólogos americanos foram os estudiosos que mais se aplicaram ao estudo do **conceito** de cultura, ao ponto de o tornar uma disciplina especializada denominada culturologia. As suas indagações alargaram-se à vasta problemática da dinâmica cultural da ontogénese, ou seja, o processo de formação e de integração da cultura, ao efeito sobre personalidade de todo o indivíduo e sobre os padrões de comportamento dos grupos humanos e os de transformação (BERNARDI, 2007, p. 26).

Bernardi (2007) complementa, a fim de melhor elucidar este ponto, e para tal cita White (1959), que diz: “A cultura é uma classe de coisas e de acontecimentos, dependentes da simbolização, considerado num contexto extra-somático» (White, 1959: 234).” (BERNARDI, 2007, p. 28).

Com isso, Bernardi (2007) diz que as ações dos seres humanos podem assumir o valor de um símbolo, ou seja, parte de um sistema de interpretações e de expressões, em que este busca a sua relação com a natureza cósmica e com outros seres humanos, quer individualmente, quer associado: “Cada coisa, material ou não, ligada a um símbolo, recebe um significado suplementar que se adiciona ao seu significado normal e natural e exprime uma relação com uma realidade diversa, conhecida ou misteriosa” (BERNARDI, 2007, p.29).

Outro ponto debatido por Bernardi (2007) é a cultura do ponto de vista mental, numa formação ou construção da mesma, que carece e está relacionada com as escolhas dos indivíduos e as suas interações com outros indivíduos, sendo a cultura esta manifestação mental:

Nas suas escolhas, o homem é condicionado pela sua constituição de indivíduo, pelas relações que o ligam a outros indivíduos com quais compartilha a sua vida e a natureza mais vasta que o circunda e dentro da qual está incluído (BERNARDI, 2007, p.19).

Nesta abordagem, Bernardi (2007) apresenta três pontos. O primeiro, o homem com sua individualidade, ou seja, o indivíduo. O segundo, o homem e as suas relações sociais, o seu convívio e papel social. O terceiro são as relações dos homens com a natureza, ou seja, no meio natural onde estão inseridos. Este terceiro elemento é passível de uma melhor explicação, pois segundo o autor, o homem procura, através da interpretação, ou seja, do conhecimento da natureza, formas conhecê-la e dominá-la, para obter meios para a sua subsistência, sendo que o homem também está inscrito dentro do termo natureza. Assim, o seu nascer, crescer e morrer também fazem parte deste elemento natureza: “*Natureza é, antes de mais, o universo como totalidade cósmica, visível e invisível, dentro do qual o homem está imerso*” (BERNARDI, 2007, p.20). Vale a pena destacar que o termo cósmico é colocado para explicar questões ecológicas, mas também forças sobrenaturais e misteriosas. Não é fácil traçar a linha limite entre natureza e cultura.

Em geral, sublinha-se que a natureza é regida por leis universais fixas; é universal, constante, não dá saltos, evolui gradualmente. A atividade cultural do homem procede por forças e vias mais complexas, por altos e baixos, quase por sístole e diástole, segundo a escolha livre do próprio homem. A capacidade de intervir na natureza é a característica mais significativa do homem. Observa-a e estuda-a, não só para a conhecer e apreciar, mas para modificar e corrigir o seu curso, acomodando ou desdobrando aos próprios intentos as suas leis (BERNARDI, 2007, p.22).

Em Salazar (2009) é dito que a cultura, de maneira geral, se articula com a história, crenças, valores, normas e práticas sociais através dos tempos, assim como está presente nos ritos, mitos, tradições e instituições, uma vez que ela se apresenta ou se faz percebida nas artes, na música literatura e na vida cotidiana. Entre uma das ideias sobre cultura colocadas por Storey (2000), está o papel dos grupos sociais como agentes formadores e produtores de cultura, que é apresentado pelo autor como “agências humanas”, e não somente como meros consumidores de cultura, ou seja, há um movimento de produção e consumo de cultura.

No conceito ou esquema construído por Hall (2003) utilizado para explicar o que é cultura, apresentada o “circuito da cultura”, nomenclatura essa que ele usa para designar os processos de interação dos elementos, representação, identidade, produção, consumação e regulamentação, sendo estes os elementos que regem a cultura. Assim, o autor defende a ideia de cultura como sendo uma construção coletiva, isto é, que os significados partem de uma partilha, e que a linguagem, está nela a chave dos valores culturais, pois permite essa transmissão de significados.

Para Hall (2003), as representações ou correlações que se faz de algo, são frutos de uma construção mental que cada indivíduo carrega, e é através desse conjunto de interpretações que vê o mundo e a si mesmo. Em nada há significado natural, latente ou invariável, tudo é uma construção. Assim a cultura pode ser compreendida com uma forma de construção de padrões de representações e interpretações acumulativas.

Outro ponto polêmico e alvo de grande discussão na antropologia é a questão biológica e genética, a qual é elucidada quando se refere a cultura como elemento biológico, em que Laraia (2013) faz uma abordagem, de onde se destaca:

Os antropólogos estão totalmente convencidos de que a diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais. Segundo Felix Keesing “não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e

a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado (LARAIA 2013, p.17).

As abordagens biológicas foram alvo de grande discussão, pois foram utilizadas como elemento que justificava a superioridade para se subjugar outras culturas. Assim, em 1950, após o movimento de racismo nazista, reuniram-se antropólogos físicos e culturais, geneticistas e biólogos, entre outros especialistas, na cidade de Paris, sob a tutela da UNESCO, com o objetivo de descortinar as questões entre genética e cultura, e assim, redigiram um documento que contem as seguintes informações:

- Os dados científicos de que atualmente não confirmam a teoria segundo a qual as diferenças genéticas hereditárias constituíram um fator de importância primordial entre as causas das diferenças que se manifestam entre as culturas e as obras das civilizações dos diversos povos e grupos étnicos. Eles nos informam, pelo contrário, que essas diferenças se explicam antes de tudo. Pela história cultural de cada grupo. Os fatores que tiveram um papel preponderante na evolução do homem são a sua faculdade de aprender e a sua plasticidade. Esta dupla aptidão é o apanágio de todos os seres humanos. Ela constitui, de fato, uma das características específicas do Homo sapiens.

No estado atual de nossos conhecimentos, não foi ainda provado a validade da tese segundo a qual os grupos humanos diferem uns dos outros pelos traços psicologicamente inatos, quer se trate de inteligência ou temperamento. As pesquisas científicas revelam que o nível de aptidões mentais é quase o mesmo em todos os grupos étnicos. (LARAIA, 2013, p.18).

Assim, há que destacar que o processo cultural está ligado a um processo de aprendizagem, isto é, a endoculturação, e que a formação cultural não tem ligação com questões genéticas ou de gênero. Dentre os antropólogos participantes do evento em 1950, destaca-se

aqui Lévi-Strauss, cujo o trabalho intitulado *Raça e História*, ganhou grande repercussão, em que ele, Lévi-Strauss, discorre que mesmo com tantos esforços que realizaram para tentar comprovar a superioridade ou inferioridade cultural das raças, numa tentativa de atribuir características psicológicas às questões biológicas, mas essas perspectivas foram refutadas pela ciência (LÉVI-STRAUSS, 2010).

Porém, já anteriormente a este evento e marco, Franz Boas, a partir do ano de 1883, após ter realizado uma expedição geográfica a Baffin Land, fez duras críticas ao então sistema evolucionista das culturas, tendo destacado a necessidade de haver estudos antropológicos sobre a cultura baseados num processo multilinear, e rompendo drasticamente com o processo unilinear da então evolução cultural e etnocêntrica. (LARAIA, 2013)

No ano de 1907, Kroeber, no seu artigo “O Superorgânico”, apresenta argumentos rompiam definitivamente com os laços de subordinação entre o biológico e a cultura pois, segundo Kroeber, existe uma a supremacia do cultural sobre o biológico (LARAIA, 2013). Assim, Geertz (1978) reforça esta ideia afirmando que a cultura segue um rumo que se distancia de fatores genéticos e raciais, e se aproxima de formas de adaptação ao meio ambiente, tendo este processo tido o seu início há cerca de quinze milhões de anos. A cultura tem por base as relações sociais, que são definidas através de um processo de escolha de se viver inserido num certo grupo e pela aceitação por parte do grupo.

E em Bernardi (2007), no que refere às questões das diversidades das culturais, reforça a desassociação com a genética e biologia, sendo a multiplicidade cultural expressa em dois fatores. O primeiro, que a humanidade pertence por natureza a uma mesma raça, o *homo sapiens*, sendo essa uma identidade natural comum que se manifesta na cultura humana. O Segundo, que as diversidades de fatores, tempo e espaço, são elementos fundamentais para um processo da adaptabilidade ao ambiente. Contudo, essa também não é restritiva, pois há também o fator escolha, em que se procura alternativas diversas para se resolver a mesma necessidade ou problema.

No que se refere às diversidades culturais, outro ponto que também foi questionado, foi o da afirmação de que a cultura estava relacionada ao determinismo geográfico em que se acreditava, segundo teorias formuladas por geógrafos no final do século XIX e início do século XX. Pode-se destacar o livro *Civilization and Climate* (1915) do autor Huntington, onde este relaciona a latitude aos centros da civilização. Porém, essa teoria veio abaixo após demonstrações realizadas por antropólogos, a partir do ano de 1920 (LARAIA, 2013).

A partir de 1920, antropólogos como Boas, Wissler, Kroeber, entre outros, refutaram este tipo de determinismo e demonstraram que existe uma limitação de influência geográfica sobre os fatores culturais. E mais: que é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico (LARAIA, 2013, p.21).

Assim, o autor aborda o determinismo geográfico e apresenta dois exemplos de duas culturas em ambientes relativamente iguais que refutam essa ideia. É o caso dos lapões no norte da Europa e os esquimós no norte da América, em que as condições ambientais muito semelhantes, com característica em comum, de um inverno longo e rigoroso, assim como de uma fauna e flora semelhantes. Assim, era suposto terem respostas comuns de sobrevivência nestes ambientes, mas isso não acontece, pois, os dois grupos possuem grandes diferenças culturais. Os esquimós constroem as suas casas através de blocos de neve, já os lapões fazem as suas casas com tendas de pele de animais. Os lapões são excelentes criadores de animais, ao contrário dos esquimós, que vivem da caça de animais (LARAIA, 2013).

Estes são alguns dos exemplos que colocaram em “xeque” a questão do determinismo cultural geográfico.

... não é possível admitir a ideia do determinismo geográfico, ou seja, a admissão da “ação mecânica das forças naturais sobre uma humanidade puramente receptiva”. A posição da moderna antropologia é que a “cultura age seletivamente”, e não casualmente, sobre seu

ambiente, “explorando determinadas possibilidades e limites ao desenvolvimento, para o qual as forças decisivas estão na própria cultura e na história da cultura.

As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo ambiente” (LARAIA, 2013, p. 24).

Sob o ponto de vista de Lévi-Strauss (2010-2), apesar de poder ter havido algo determinista, permite estabelecer uma reflexão sobre a formação cultural do indivíduo e do coletivo, pois não se pode negar o processo de influência do meio, e que este também pode interferir no processo de abstração da sua própria cultura ou elementos profundos balizares da mesma.

Desde o nascimento e – acabei de o dizer – provavelmente mesmo antes, os seres e as coisas que nos rodeiam montam em cada um de nós um aparelho de referências complexas que formam sistema: condutas, motivações, juízos implícitos que, mais tarde, a educação vem a confirmar pela visão reflexiva que nos propõe do devir histórico da nossa civilização. Nós descolocamo-nos, literalmente, com este sistema de referências e os conjuntos culturais que se constituíram fora dele não nos são perceptíveis senão através das deformações que ele lhes imprime. Talvez nos torne incapazes de os ver. (LÉVI-STRAUSS, 2010-2, p. 31)

Após estas apresentações e argumentações em torno do aparato biológico, genético e ambiental, no contexto da formação da cultura, passa-se para outro ponto, em que Malinowski (2009) afirma que, muitas das questões culturais são restringidas às necessidades orgânicas e na criação de mecanismos para suprir estas necessidades, adaptabilidades e transformação do meio, sendo a cultura fruto da busca do homem para atingir um fim. Fim este que serve para obter uma relativa segurança, conforto e prosperidade, que lhe permita extrapolar os dotes de animais orgânicos.

Sendo assim, a cultura é como o meio e o resultado da busca desse objetivo.

...a cultura consiste no conjunto integral dos instrumentos e bens de consumo, nos códigos constitucionais dos vários grupos da sociedade, nas ideias e artes, nas crenças e costumes humanos. Quer consideremos uma cultura muito simples ou primitiva, quer uma cultura extremamente complexa e desenvolvida, confrontamo-nos com um vasto dispositivo, em parte material e em parte espiritual, que possibilita ao homem fazer face aos problemas concretos e específicos que se deparam. Estes problemas resultam do facto de o homem possuir um corpo sujeito às necessidades orgânicas mais variadas e de viver num meio ambiente que é o seu melhor amigo visto fornecer-lhe a matéria-prima destinada ao seu trabalho manual, mas que é ao mesmo tempo um inimigo perigoso, pois alberga muitas forças hostis (MALINOWSKI, 2009, p. 45).

Apesar de fazer uso do termo primitivo, que pode ser interpretado como inferior e, por outro lado, dizer que há uma cultura complexa e desenvolvida, o conceito de Malinowski oferece elementos para se entender como esta era compreendida, oferecendo também elementos relevantes de reflexão e entendimento dos códigos e elementos culturais em toda a sua complexidade.

Assim, abre-se aqui um parêntese dentro deste ponto sobre a questão biológica para deixar claro que, tal como apresenta Laraia (2013), em que cita Claude Lévi-Strauss, que discorre sobre a ideia de que existem culturas superiores ou inferiores, ou mesmo um processo evolutivo das culturas. Assim, é refutada a ideia que tinha sido apresentada por Levy-Bruhl, no seu livro *A Mentalidade Primitiva*, que classifica a cultura entre aqueles que têm um pensamento lógico e outros com pensamentos pré-lógica.

A discordar e rebater quanto a esta questão, Lévi-Strauss, no seu livro *O Pensamento Mágico*, lança o seguinte argumento:

... não é um começo, um esboço, uma iniciação, a parte de um todo que não se realizou; forma um sistema bem articulado, independente deste outro sistema que construirá a ciência, salvo a analogia formal que as aproxima e que faz do primeiro uma expressão metafórica do segundo (LARAIA, 2013, p. 87-88).

Esta visão de classificação e ordenação hierárquica foi alvo de críticas e tornou-se uma classificação ultrapassada, ou melhor dizendo, superada.

Para contextualizar o movimento para a superação dessa visão hierarquizada sobre a cultura, como já mencionado, Abreu (2007) diz que há a necessidade de superar estas interpretações, e o trauma causado após a Segunda Guerra Mundial, fez com que os intelectuais procurassem alternativas para uma construção definitiva de paz entre os povos. Sendo assim, a formulação sobre cultura produzida por Franz Boas e Bronislaw Malinowski, em que valorizavam as diferenças culturais, contextualizando-as e relativizando-as, auxiliaram no processo de luta e superação do racismo, do evolucionismo cultural, da hierarquização das culturas e dos povos, e traçava uma história linear única de evolução das civilizações.

Assim, para voltar à questão biológica, mas sobre um olhar, vale a pena destacar que as necessidades biológicas e ações humanas no meio ambiente podem ser consideradas como precursoras da cultura:

... o homem tem de satisfazer, em primeiro lugar, todas as necessidades do organismo: estabelecer planos de trabalhar para alimentar-se, aquecer-se, abrigar-se. Vestir-se ou resistir ao frio, ao vento e ao clima; tem de proteger-se e organizar tal proteção contra inimigos exteriores e contra perigos físicos, provenientes de animais ou de outros seres humanos (MALINOWSKI, 2009, p. 47) (...) Regidos por desígnios ou mandatos tradicionais, obedecendo às normas específicas sob as quais se congregam, utilizando aparelho

material que manipulam, os seres humanos agem em conjunto, satisfazem assim algumas das suas necessidades e deixam a marca de sua passagem no meio ambiente (MALINOWSKI, 2009, p.48).

No que diz respeito à transformação do ambiente para suprir essas necessidades, Malinowski (2009) afirma que o ser humano age de acordo com as condicionantes de sobrevivência, perpetuação do grupo e a boa funcionalidade do organismo. Por outro lado, através das suas capacidades e manipulações, é criado um ambiente secundário. Desse modo, são estabelecidas condições mínimas para suprir as necessidades básicas orgânicas, em que a cultura se constitui como o processo de criação desse ambiente secundário. Contudo, não é só necessário produzi-la, é necessário também mantê-la.

Porém, as necessidades são mutáveis e acentuadas e, como tal, cria-se uma dinâmica de ações e alterações do meio, seja ele primário e/ou secundário, para suprir essas necessidades. Em suma, a cultura está atrelada às necessidades, pois estas necessidades criam padrões, mas isso não quer dizer que são imutáveis, uma vez que surgem novas necessidades. É claro que a cultura é algo construído e dinâmico com sentidos e objetividade, e não um mero elemento do acaso.

Este ponto de vista supracitado é discutido por Bernardi (2007), em que segundo ele, Malinowski apresentou uma interpretação da cultura a partir das necessidades humanas fundamentais ou base, e necessidades variadas, sendo que ele classifica a primeira como as necessárias ao homem para sobreviver, isto é, as necessidades básicas biológicas, comuns a todos os seres humanos. Mas destaca que, mesmo relativamente iguais, têm as suas particularidades. Essas necessidades são apresentadas como sendo: o metabolismo – abastecimento; reprodução – parentesco; bem-estar corporal – abrigo – casa; segurança – proteção; movimento – atividade; desenvolvimento – instrução; saúde – higiene.

Já as necessidades derivadas são impostas pelo modo como o ser humano satisfaz as suas necessidades fun-

damentais, sendo classificado por Malinowski, como sendo imperativas, ou seja, o mecanismo utilizado para suprir estas necessidades, em que ele classifica como: instrumentos de produção; comportamento humano – controlo social; conhecimento da tradição – educação, autoridade – organização política (BERNARDI, 2007).

Segundo Bernardi (2007), o fenómeno cultural parte de um processo de escolhas que vão ao encontro às necessidades, sendo que, para suprir as necessidades, são utilizados ou criados mecanismos ou modelos, ou mesmo modos de. “Cada cultura aparece, assim, ligada a um modelo ideal de vida e de comportamento, mediante o qual se torna num bem, num valor, para aqueles que dela participam” (BERNARDI, 2007, p. 47- 48).

Para Lima (1979) estas necessidades humanas são supridas através de um movimento constante, movimento este que procura suprir estas lacunas internas para se manter, viver e sobreviver, sendo o movimento sistémico das necessidades interiores projetado para fora, a fim de satisfazer, ou seja, de preencher estas lacunas interiores.

Assim, Lima (1979) afirma que a natureza humana é dividida em quatro partes, “a primeira natureza biológica, a segunda natureza psicológica, a terceira por natureza cultural, e a quarta por natureza social, ou ainda bio-natureza humana, psiconatureza humana, culturona-tureza e socionatureza (LIMA, 1979, p. 29)”. Uma vez que, de acordo com as situações, uma pode ser mais latente do que a outra. Porém, pode afirmar-se que nenhuma delas é isolada, ou seja, são interdependentes e só podem ser compreendidas se analisadas como elementos conjuntos e interativos.

Segundo Bernardi (2007), a cultura tem como base 4 fatores essenciais, ou seja, são premissas para a sua existência, e descreve-os como sendo:

... O *anthropos*, ou seja, o homem na sua realidade individual e pessoal; o *ethnos*, comunidade ou povo, entendido como associação estruturada de indivíduos; o

oikos, o ambiente natural e cósmico dentro do qual o homem se encontra a actuar; o *chronos*, tempo, condição ao longo da qual, em continuidade de sucessão, se desenvolve a actividade humana (BERNARDI, 2007, p.54).

Nisto, e como nos argumentos anteriores, esses estão interligados e não produzem a cultura por si só. Em todas as manifestações culturais existe a evidência da sua existência, seja de forma mais latente explicita, ou discreta e profunda.

Já em Laraia (2013) são apresentadas três abordagens idealistas da cultura. A primeira considera a cultura como um sistema cognitivo, isto é, uma análise dos modelos que são construídos pelos membros das comunidades sobre o seu próprio universo. Assim, cita-se W. Goodenough, que considera que a cultura “*consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro de sua sociedade*” (LARAIA, 2013, p.61.).

A segunda abordagem considera a cultura como sistemas estruturais, citando-se Claude Lévi-Strauss “que define cultura como um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana. O seu trabalho tem sido o de descobrir na estruturação dos domínios culturais – mito, arte, parentesco e linguagem – os princípios da mente que geram essas elaborações culturais” (LARAIA, 2013, p.60.).

A terceira abordagem, desenvolvida principalmente por Clifford Geertz e David Schneider, considera a cultura como sistemas simbólicos. Segundo Laraia (2013), Geertz procura uma definição de Homem baseado na definição de cultura, e rompe com as questões da forma ideal de homem, ligadas à antropologia clássica e ao iluminismo. Para tal, afirma que a cultura deve ser compreendida “não um complexo de comportamentos concretos, mas um conjunto de mecanismos de controlo, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam de programa) para governar o comportamento” (LARAIA, 2013, p. 62).

Nesta abordagem o indivíduo nasce como uma folha em branco e está suscetível a aprender qualquer cultura à qual seja inserido, e que a cultura é um conjunto de códigos partilhados, ou seja, estão fora dos indivíduos, e que o estudo da cultura é estudar um conjunto de símbolos partilhado por membros de determinada cultura.

O conceito de cultura referido, defendido por Geertz (1973) utiliza-se do pensamento de Max Weber, em que o ser humano é um animal preso a teia de significados que ele mesmo produziu, sendo então a cultura para Geertz essa teia que o ser humano é emaranhado. Dessa forma, o autor busca compreender a cultura não como ciência experimental num sentido de leis, mas sim através de uma ciência interpretativa em busca de significados.

Já na visão de David Schneider, no seu livro *American Kinship: A Cultural Account*, a abordagem é um pouco mais diversificada, afirmando que “Cultura é um sistema de símbolos e significados, compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamento. O status epistemológico das unidades ou ‘coisas’ culturais não depende da sua observabilidade: mesmo fantasmas e pessoas mortas podem ser categorias culturais” (Laraia, 2013, p.63). Na visão de Schneider, a complexidade de elementos que podem compor a cultura é evidente, assim como a leitura complexa dos elementos que são necessários, para se compreender uma determinada cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessas diversas tentativas de uma construção de conceitos e definições sobre cultura, não se pode dizer que está certa ou errada, como a própria cultura, há diferentes formas de se construir estas visões e interpretações, pois algo que é tão dinâmico e global torna-se difícil de encaixar numa palavra de forma sucinta, ou mesmo espremidos e comprimidos num único conceito, mas sim, pode-se utilizar essas definições e conceitos como elementos norteadores.

Há, através dos diversos autores(as) aqui apresentados, elementos reflexivos importantes sobre a cultura,

a sua (re)construção ao longo do tempo e espaços, das questões convergentes e divergentes, reflexões construtivas que concatenam a fim de construir a compressão, mesmo que dinâmica, que possibilitam aproximar as culturas, exemplificar a diversidade, e romper com as questões de superioridades.

O amplo mosaico historiográfico exprime o quão complexa a cultura, termo singular de elementos múltiplos, que requer ser compreendida, seja através de questões teóricas às práticas, ou seja, do universo de erudição acadêmica às manifestações em amplos cenários.

Ela, a cultura, como demonstrado ao longo do artigo, antecede o termo cunhado, engloba ações pretéritas de interações e interpretações da natureza, dos ambientes e relações entre os seres humanos, frente as necessidades e desejos. Em suma, intencionalidades de ordem interna e externa, individuais, coletivas e instrumentais.

Num sentido derivado etimológico, é cultivada, (re)construída, num movimento perpetuo, em que estaticidade, pode fazê-la perecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina. 2007. *Património Cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva*. In: Antropologia e Património Cultural- Diálogos e Desafios Contemporâneos. Blumenal. Nova Letra.
- ARIAS, Patricio Guerrero. 2002. *La cultura- Estrategias conceptuales para entender la identidad, la alteridad y la diferencia*. Quito. Abya- Yala.
- BATALHA, Luís. 2005. *Antropologia: Uma Perspectiva Holística*. Lisboa. Editora Universidade Técnica de Lisboa.
- BERNARDI, Bernardo. 2007 (1974). *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*. Lisboa. Edições 70.
- CUCHE, Denys. 1999. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa. Editora Fim de Século.
- GEERTZ, Clifford. 1973. *The Interpretation of Cultures*. New York. Basic Book
- GONÇALVES, António Custódio. 1992. *Questões de Antropologia Social e Cultural*. Porto. Editora Afrontamento.

HANDLER, Richard. 1988. *Nationalism and the politics of culture in Quebec*. London: Editora University of Wisconsin Press.

HALL, Stuart. 2003 (1997). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. In: *The Work of Representation*. London. SAGE Publications Ltd. Pág.1 -74.

KAPLAN, David; MANNERS, Robert. 1975. *Teoria da Cultura*. Rio de Janeiro. Editora Zahar.

LARAIA, Roque de Barros. 2013 (1986). *Definições e Conceitos Sobre Cultura*. Rio de Janeiro. 25ª edição. Editora ZAHAR.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2010 (1973). *Raça e História*. 10ª edição. Lisboa. Editora Editorial Presença.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2010-2 (1983). *O Olhar Distanciado*. Lisboa. Edições 70.

LIMA, Mesquita. 1979. *Antropologia ou Entropologia?*. Lisboa. Edições IN- CM.

MALINOWSKI, Bronislaw. 2009 (1972). *Uma Teoria Científica de Cultura*. Lisboa. Edições 70.

SALAZAR, Mónica Gómez. 2009. *Pluralidad de Realidades, diversidad de Culturas*. México. Universidad Nacional Autónoma de México.

STOREY, John. 2002 (2001). *Teoría cultural y cultura popular*. Barcelona. OCTAEDRO - EUB.

WILLIAMS, Raymond. 2001 (1980). *Cultura y Sociedad. 1780 -1950*. Buenos Aires. Nueva Visión.

WILLIAMS, Raymond. 1985 (1976). *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society*. New York. Oxford University Press.

O AUTOR

Leandro Gomes é Doutor em Antropologia Social e Cultural (2017), pela Universidade de Coimbra/ Portugal - Bolsista CAPES; Mestre em Antropologia Social e Cultural (2012), pela Universidade de Coimbra/ Portugal - Bolsista Erasmus Mundus- MONESIA; Especialização em Antropologia Social e Cultura (2011), pela Universidade de Coimbra.